

A dona da festa toda: artes e astúcias de ser drag queen em Recife-PE

Ana Valéria Salza de Vasconcelos¹

RESUMO

No horizonte das etnografias urbanas a presente investigação se volta para a cultura drag no centro da cidade do Recife/Pernambuco visando dar um panorama de como essa cultura se constrói com homens jovens gays que fazem drag na cidade. A pesquisa aconteceu em sua maior parte de trabalho de campo no Santo Bar, boate frequentada majoritariamente por pessoas gays e transexuais que fica localizada no bairro da Boa Vista, onde nas quintas-feiras a noite acontecia o Cinemona e em seguida a festa Jungle. A primeira é a exibição do episódio da temporada 2016 do programa de televisão norte americano Rupaul's Drag Race e a segunda uma festa organizada e promovida por um grupo de drag queens da cidade. Nesses termos, o presente trabalho se caracteriza como uma etnografia que busca investigar as implicações entre territórios corporais e urbanos produzidos por drag queens no centro da cidade do Recife, buscando entrever a partir das estratégias e técnicas de montar como se produzem ideias sobre corpos, gêneros, pessoas e lugares no circuito de lazer e espaços de divertimento dos quais essas pessoas fazem parte. A noção de performance ocupa uma posição central nas descrições, não apenas por ser a forma êmica pela qual as interlocutoras e interlocutores nomeiam a expressão artística e o trabalho que exercem, mas também pelos rendimentos analíticos que tem na descrição dos modos de vida e sentidos por elas produzidos através da noite recifense.

Palavras chave: Drag queen. Teoria queer. Performance.

Introdução

O presente artigo se baseia na etnografia realizada por mim, entre 2016 e 2017, para a dissertação de mestrado em antropologia realizado na Universidade Federal da Paraíba. Faço aqui uma retomada de alguns pontos do campo de pesquisa para, assim, pensar performance. Inicialmente o propósito de etnografar um fenômeno que vinha atravessando a sociabilidade não só minha e de meus amigos, mas de toda a cidade do Recife. Uma nova (que em 2011 parecia ser nova e logo em seguida descobrimos que não era tão nova assim) cena drag queen tomava a cidade e isso era visível nas boates, nas conversas em redes sociais e na televisão.

¹ Mestra em antropologia pela Universidade Federal da Paraíba e doutoranda em antropologia social pela Universidade Federal de Santa Catarina.

O programa televisivo, recentemente disponível via streaming, Rupaul's Drag Race mostrava e ensinava a uma nova geração o que era ser uma diva drag queen. Eu, que já estava nas festas, queria etnografar o que acontecia com as drag queens de Recife que estavam se montando pelas primeiras vezes por assistir o reality show. Eu, até então não tinha empreendido uma etnografia sozinha, apenas participado durante o mestrado de algumas etnografias que aconteciam no grupo de pesquisa.

Mesmo munida de muitos conselhos, teorias e livros que me diziam que papel desempenha um etnógrafo, eu estava indo para campo pela primeira vez, não, apenas, para bater cabelo, eu estava indo como pesquisadora. E assim como era uma etnógrafa assustada, tive uma imensa dificuldade de conseguir descobrir o quanto meu diário de campo era importante para todo o meu trabalho.

Até ler 'O efeito etnográfico' de Marilyn Strathern (1990) ia a pequenos passos compreendendo meu campo e meu papel dentro dele. Que apesar das minhas intenções e hipóteses, meu trabalho não seria sobre Rupaul's Drag Race e meu trabalho não seria sobre gênero. Que os bares e boates que frequentei não eram tão diferentes, enquanto campo, das conversas diárias que tínhamos via Facebook, Instagram e Whatsapp.

Após a leitura do referido texto de Strathern comecei a me sentir mais livre em campo e perceber que minhas interlocutoras o tempo todo me diziam sobre o que eu ia escrever e o que era ser drag queen, eu apenas precisava ouvir e anotar.

Produzir uma reflexão sobre os universos, espaços, criatividades e formas de criação a partir das drag queens no contexto urbano de uma cidade como Recife se caracterizou como um processo marcado por múltiplos questionamentos sobre a dimensão cartográfica das experiências sociais. Falo em dimensão cartográfica por entender que lugares, espaços e territórios como clubes, boates, casas, salões de beleza, corpos, sites e páginas na internet, programas de televisão constituem um circuito fundamental a partir do qual os modos de vida e estéticas encenados e performatizados pelas minhas interlocutoras ganha volume, movimento e brilho. Mais que isso, considerar essas cartografias tem como efeito também uma avaliação sobre o lugar de pesquisadora, de sujeito que conhece a partir das relações interpessoais que estabelece.

Pensar as experiências drags a partir de dimensões espaciais implica não apenas reconhecer as formas pelas quais essas pessoas através dos processos de experimentação corporal, laboral e artística movimentam-se e atribuem sentido a si e aos outros. Implica também reconhecer o lugar que ocupam enquanto sujeitos discursos e sua condição de

interlocutores de pesquisa e participantes de processos epistemológicos a arranjos disciplinares. Nesses termos, o presente capítulo apresenta três dimensões dessa ideia de lugar. O lugar disciplinar que as drags ocupam na academia, com especial atenção para algumas produções antropológicas sobre o tema; o lugar relacional ocupado por mim junto a elas na produção da experiência etnográfica; e por fim, o lugar que se configurou como centro do trabalho em campo ao longo de minha imersão, considerando para tanto os desdobramentos e cruzamentos entre online e off-line, ou seja, entre relações e sociabilidades que se cruzavam através de palcos e plataformas na internet.

A definição do que seja drag usualmente é marcada por paradoxos e jogos de palavras. Nos termos dessa dissertação gostaria de sugerir ao leitor que considere drag não pelo que ele é, mas pelo que posso alegar que ele seja conforme o material que tenho disponível e que é apresentado ao longo desse texto. Acompanhando Sahlins (2013), meu interesse é mais exemplar do que comprobatório, ou seja, não me interessa uma definição estrita do que seja ou do que faça uma drag queen, mas os modos e sentidos acionados pelas experiências das quais essas pessoas participam e que podem servir como forma de expandir o conhecimento antropológico sobre regimes de criatividade, experimentação corporal, gênero e formas de marcação da diferença.

Uma cartografia viada da Boa Vista

No bairro da Boa Vista o cruzamento entre duas ruas, a Rua Manoel Borba e a Rua das Ninfas formam o que eu chamei de “complexo de entretenimento gay”. O Santo Bar, onde se deu de forma mais regular meu trabalho de campo, fica na Rua das Ninfas, mas todas as ruas estão tomadas de bares e boates que têm como público, pessoas LGBT.

Na esquina da Rua das Ninfas com a Manoel Borba fica a MetrÓpole, a maior e mais antiga boate voltada para o público LGBT de Recife. Ao lado fica o Miami Pub, que funciona nos mesmos moldes do Santo Bar. Logo em seguida fica o bar Conchittas, que em nova sede em 2016, se mudou para o lado do Miami Pub. Antes, localizava-se do outro lado da rua, onde agora funciona outro bar com público LGBT, o Place.

Tudo isso funciona quase todos os dias da semana e faz com que esse perímetro da Boa Vista seja considerado um dos mais seguros para se percorrer a noite. Não apenas por ser bastante movimentado, mas é um local seguro para a população LGBT, fato esse citado várias vezes pelas queens e outras pessoas durante as festas.

As pessoas não têm medo de andar montadas nessa rua, ou de dar uma close e serem

vítimas de violência e ou episódios de homofobia, lesbofobia ou transfobia. Sentem-se seguras de não serem agredidas por seguranças dos bares ou boates, consideram aquela rua e aqueles bares e boates os lugares onde podem ser o que quiserem e que também são seus espaços. Na rua das ninfas a viadagem pode tomar conta, com um pouco mais de segurança do que em outros espaços da cidade.

O espaço dessas ruas na cidade foram por aí, quase que inteiramente, ocupados com festas organizadas por drag queens, ou com temática drag. Além disso, a Rua das Ninfas passou a ser um lugar seguro para mim, pois eu estava incluída aos grupos e me possibilitou conhecer muitas outras drag queens que estavam também nesse espaço, e algumas que nem frequentavam o Santo Bar.

Diante disso entendi que meu campo não era apenas o Santo Bar, era um grupo de pessoas que circulavam por essas ruas do bairro da Boa Vista. Isso me fez pensar em outras ruas desse mesmo bairro onde se concentravam também pessoas LGBT, ou não, já que, historicamente, a Boa Vista é vista como um bairro boêmio de Recife.

Com esses pensamentos sobre o campo, logo no início da pesquisa, comecei a pensar sobre os limites geográficos da cidade em que eu vivia e trabalhava. Sobre os espaços geográficos dessa cidade que eu tinha acabado de começar a frequentar com uma assiduidade muito maior do que fazia antes. Assim a ideia da cartografia desse bairro que tem bolhas de entretenimento, principalmente para pessoas LGBT.

Na esquina da Rua das Ninfas com a Rua Manoel Borba existe um cruzamento e uma profusão de bares, boates, comércio ambulantes, barraquinhas de esquina que vendem cigarros e bombons. As suas calçadas em muitas partes estão ocupadas de mesas de bar, principalmente durante a noite. Não tem um comércio intenso durante o dia, tem ao redor de todas essas boates e bares prédios residenciais. Mas a noite é durante quase todos os dias da semana movimentada a partir dos bares e pequenos restaurantes que funcionam todos muito perto um do outro.

Corpo (ou corpos) e performances insubmissas

O corpo é um dos espaços onde a drag queen acontece. É a partir das mudanças feitas no corpo que corporalidade drag se torna material. Acredito ser aqui lembrado que fazer drag queen não é uma identidade de gênero, e sim uma performance artística, logo, diálogos sobre gênero foi uma questão que demorou a aparecer em campo. Diferente do corpo, que está sempre em evidência diante das montações de cada noite.

O que quero explicar sobre o corpo diz mais respeito às mudanças e corporalidades

que vemos agora através da arte drag queen, onde o gênero e o sexo não são focos nesse tipo de performance.

Acredito que a Teoria Queer seja mais indicada adequada para lidar com essa questão de um corpo ‘montado’, e de como essas corporalidades funcionam, sem nos colocar numa infinidade de teorias de gênero que já conhecemos, e pode assim nos dar uma nova perspectiva desse tema. No ponto seguinte podemos ver mais como a teoria queer nos ajuda a conhecer e circular por essas novas engenharias corporais, como por exemplo, o conceito de performatividade.

Quanto ao conceito de performatividade, tão caro a teoria de Butler (2008) seria, basicamente, uma repetição de atos arraigados a uma norma anterior ao sujeito. A lei da qual ele não pode se desligar. É esse enfoque se contrapõe a perspectiva que compreende o gênero como uma construção social mero reflexo do sexo. Para a autora, o gênero seria um ato performativo, que são palavras e gestos que, ao serem expressos, criam uma realidade.

E são esses atos repetidos de forma estilizada que produz um efeito ontológico que nos leva a crer na existência de um sujeito que atua. Sendo assim, propõe pensarmos o gênero de forma radicalmente independente do sexo – um artifício flutuante onde é possível encontrar um homem/ masculino num corpo feminino e vice-versa (Butler, 2008).

Guacira Lopes Louro (2004), seguindo a linha queer, nos fala como os corpos ocupam lugares sociais no interior de seus grupos. As marcas que os corpos carregam, como gênero, raça ou até o tamanho ou a cor dos olhos: A marcação pode ser simbólica ou física, pode ser indicada por uma aliança de ouro, por um véu, pela colocação de um piercing, por uma tatuagem, por uma musculação “trabalhada”, pela implantação de uma prótese (...) (LOURO, 2004, p.86).

A drag queen explicita que seu corpo é montado e não é fabricado para ser uma mulher. Ela usa com exagero roupas, maquiagem, ou marcas corporais que são identificadas como femininas. O que a drag queen faz é uma paródia do gênero. Ao transgredir essas fronteiras da diferenciação sexual nos faz pensar na normativa heterossexual mostrada por Butler, que alinha sexo, gênero e orientação sexual. É uma forma de arte insubmissa, onde a transgressão não tem limitações na imaginação.

Diante das diversas formas como autores e autoras, que podemos considerar queers, vemos que o corpo, assim como o sexo e as identidades de gênero são culturalmente performados. Assim as drag queens surgem a partir do momento em que essa performance corporal passa a existir, quando sua corporalidade muda, flutuante para dar lugar a sua personagem. Como me disse um interlocutor em campo.

(...) acredito que o que faço hoje, muitos falam que eu me visto de forma excêntrica, que meu jeito é excêntrico, mas na minha opinião vai além disso, uso a estética para me comunicar, encaro minhas produções como forma de expressão de significados, de códigos e mensagens, que vem através da estética da indumentária e performance, porém não existe mais uma outra persona. (...). Não levo muito pro lado dos movimentos LGBT's como causa social/política e tudo mais... embora seja também né? (Trecho de conversa pelo WhatsApp).

Considerações (não) finais

Neste espaço do texto me permito não concluir nada. Nem esse artigo foi 'montado', pensando em chegar em nenhuma conclusão sobre as formas que o corpo toma durante a performance. O objetivo foi focar em como os corpos e a cidade se juntam numa espécie de simbiose. A rua, a aqui, belamente chamada de Rua das Ninfas, pois é esse seu nome, nos mostra como pode abrigar corpos insubmissos, com alguma segurança. E como isso só é possível pela performance drag, e outros corpos (ou corpos?) desviantes, fora da norma, queers, ocupam esses espaços.

A drag queen não precisa se 'esconder' dentro de bares ou boates para que possa deixar sua persona atuar. Elas podem andar nas ruas e são aplaudidas pelas pessoas sentadas nos bares de rua do centro de Recife. Pessoas tão desviantes quanto elas, e se sentem representadas pela montagem, pela make, pela coragem, e pela performance.

Como diz uma famosa gíria drag, usada para elogiar outra drag queen muito bem montada, que diz: 'don't touch, its art'. Penso o mesmo quando reflito sobre a etnografia e como eu pude aprender, de forma muito profunda – talvez até subjetivamente – que a insurgências de novas formas de viver, criar, montar e desmontar, experimentar, se divertir, trabalhar e tantas outras coisas. Aprendi que arte é resistência. As queens que percorreram e me afetaram em campo, sempre me lembravam, que não existia uma 'nova' cena drag. A cena drag da cidade existe hoje em tantos espaços, e não apenas em boates, é fruto de luta e resistência.

